

CAIXA DE AFECÇÕES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA DIÁLOGOS ENTRE SISTEMAS TERAPÊUTICOS

Elizabete Cristina Fagundes de Souza; Ana Gretel Echazú Böschemeier

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, betcris2103@gmail.com; gretigre@gmail.com)

Introdução

O diálogo entre sistemas terapêuticos é um dos conteúdos desenvolvido nas aulas do componente curricular Saúde e Cultura do Bacharelado em Gestão em Sistemas e Serviços de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O modelo idealizado por Kleinman (1981), a partir das diferentes interpretações sobre doenças e a escolha de terapêuticas diversas, analisa os itinerários das pessoas considerando três subsistemas sociais: profissional ou oficial (medicina científica), *folk* (especialistas ditos não oficiais, como curandeiros e rezadores) e popular (automedicação, redes sociais e vínculos familiares).

Além da discussão teórica sobre o modo das pessoas lidarem com o adoecimento-cuidado-atenção, identificamos na Caixa de Afecções uma estratégia metodológica potente para resgatar as experiências das pessoas na construção de seus itinerários. A Caixa de afecções foi inspirada na noção de arquivo de memórias e idealizada com a intenção de ser usada em processos pedagógicos que resgatem o vivido e possibilite uma aprendizagem significativa. Na expressão do próprio documento que a baliza, os objetos coletados na caixa e o que deles emana tem as funções destacadas a seguir.

- “- favorecer uma apropriação sobre a própria produção, a partir do lugar de pertença, em seus mais variados aspectos e sutilezas;
- Interrogar as experiências. Os objetos/ corpos "embaralhados" no interior da caixa desafiam o pensamento a abrir outras conexões para o vivido favorecendo a produção de deslocamentos dando passagens aos afetos. Um movimento de desver certos aspectos da experiência para que ela ganhe novos contornos.
- transver o vivido recontextualizando a experiência;
- fisgar, agenciar, colocar em funcionamento ludicamente ideias/pensamentos sobre o vivido.
- convocar à recriação coletiva dos saberes da experiência.” (EPS EM MOVIMENTO, 2014)

Com o intuito de trazer um diálogo sobre sistemas terapêuticos baseado na experiência, realizamos uma adaptação livre do uso da Caixa original e a substituímos por três caixas, uma para cada

sistema terapêutico - popular, folk e oficial. O objetivo deste trabalho é o de descrever a experiência de uso dessa ferramenta metodológica na discussão dos sistemas terapêuticos e demonstrar que seu uso poderá ser reproduzido em outros conteúdos relativos aos processos saúde-doença-cuidado-atenção em que dialoguem saberes disciplinares das Ciências da Saúde e das Ciências Humanas e Sociais com as experiências cotidianas em que a memória e os afetos vivenciados podem ser reinventados num movimento de aprendizagem significativa e recriação coletiva dessas experiências.

Durante nosso trabalho docente compartilhado por dois anos em sala de aula desenvolvendo componentes curriculares que dialogam Saúde e Cultura, as abordagens participativas que engajam ao grupo de estudantes têm aparecido como fundamentais, fazendo com que eles elaborem, reflitam e valorizem suas próprias experiências. Nessa interseção entre saúde e cultura abordada pela disciplina, a compreensão da diversidade de sistemas terapêuticos e da complexa interação entre eles pode ser facilmente reconhecida e apropriada, observando a forma em que as próprias experiências de trânsito entre esses universos de práticas são ativadas. Assim, a tecelagem coletiva de vivências através do compartilhamento de narrativas se tornou uma perdurável na memória da disciplina, sendo a da Caixa de Afecções uma das experiências pedagógicas de maior aceitação e impacto nos coletivos de estudantes com os quais tivemos a possibilidade de trabalhar.

Metodologia

Apresentamos a experiência do uso da Caixa de Afecções como metodologia para pensar no diálogo entre sistemas terapêuticos nas aulas de componentes curriculares do Bacharelado em Gestão em Sistemas e Serviços de Saúde da universidade Federal do Rio Grande do Norte. No desenvolvimento do conteúdo referente aos sistemas terapêuticos adotamos a noção de sistemas terapêuticos de Kleinman (1981) e lançamos mão da estratégia metodológica Caixa de Afecções proposta pelo Curso EPS EM MOVIMENTO (2014) com adaptações de seu uso. Substituímos a caixa proposta na iniciativa original por três caixas, uma para cada sistema terapêutico – o popular, o folk e o oficial. Foi solicitado que cada pessoa trouxesse objetos pertencentes a cada um dos sistemas, que foram interpelados com questões direcionadas a resgatar a experiência individual e do grupo de estudantes nos seus itinerários dentro de cada sistema: “O que vejo?”, “O que penso do que vejo?”, e “O que faço com o que penso que vejo?”.

Nas duas experiências, de 2016.1 e de 2017.1, a metodologia da Caixa de Afecções foi proposta de forma diferente. Para a presente comunicação, sublinharemos aquela que teve lugar na segunda oportunidade. Em primeiro lugar, assistimos um vídeo e anunciamos a dinâmica, que teria lugar na aula seguinte. Dividimos a turma em três grupos e atribuímos um sistema (popular, folk e oficial) para cada grupo. Pedimos a cada estudante trazer um objeto a partir do qual fosse possível contar uma experiência que pertencesse ao sistema popular, folk ou oficial, segundo o caso. No dia da atividade, dividimos a turma em três grupos e os convidamos a se realocarem em três salas diferentes. Construimos uma roda e, no centro, colocamos a caixa, onde cada estudante colocou o objeto trazido. Cada pessoa se dirigiu ao centro, pegou novamente o objeto trazido e narrou a sua experiência a partir do que cada objeto significava dentro da história contada. A dinâmica se repetiu até que todas as pessoas da roda fizeram seus relatos. Dado o tempo reduzido disponível, limitamos a fala de cada pessoa em, no máximo, três minutos. Concluída a roda inicial, pedimos para que a experiência do grupo fosse descrita em uma síntese de cinco linhas escritas e entregue para as professoras. Em seguida, cada grupo elegeu um representante para relatar a experiência do grupo na grande roda que reuniu, em uma única sala, os três grupos. Então, cada representante relatou a experiência de cada grupo, salientando as memórias individuais, as descobertas conceituais e as dificuldades na percepção de tal ou qual objeto dentro do sistema terapêutico escolhido.

Resultados e Discussão

As três caixas com os objetos que representativos de cada subsistema podem ser visualizados na Figura 1. No grupo que discutiu o subsistema oficial, os elementos trazidos representaram a burocratização da saúde e o controle administrativo dos itinerários terapêuticos das pessoas. Dessa maneira, objetos tais como uma biopsia de vesícula, um exame de enzimas do tecido muscular, um exame de raios-x panorâmico, uma requisição de exame de sangue, um electrocardiograma mostraram os dispositivos de avaliação e controle de processos corporais do sistema oficial, imbuídos na gramática das técnicas laboratoriais. Por outra parte, um garrote para punção venosa e um estetoscópio se mostraram como elementos que definem diagnósticos e tratamentos dentro das instituições oficiais de saúde. O jaleco, uma farda com conotações simbólicas muito particulares, foi problematizado como um elemento que “identifica o profissional da saúde” e seu papel dentro das instituições. Uma joelheira ortopédica veio trazer elementos que provém do sistema oficial de saúde, mas são administrados dentro das unidades domésticas, em lógicas de autocuidado. Um cartão da UNIMED e três cartões do SUS colocaram na roda a discussão sobre sistemas de saúde

público e privado. Finalmente, um relaxante muscular de marca *mioflex*, uma caixa com vitaminas e outra com dipirona trouxeram à tona a problemática da automedicação e do uso de fármacos industriais em contexto doméstico, com referência à valorização social do alívio e cura de doenças através do uso, muitas vezes indiscriminado e de forma abusiva, de fármacos industriais.

Figura 1: Caixas com os objetos representativos dos subsistemas.



Fonte: Foto produzida em celular pelas autoras.

No caso do grupo que teve a discussão do Subsistema *Folk* sob sua responsabilidade, as discussões giraram em torno de diversas formas de espiritualidade de acordo com pertencimentos religiosos trazidos das vertentes católica e evangélica. Quatro terços de rosário e um chaveiro de Nossa Senhora mostraram a importância do catolicismo popular nos processos de saúde-doença, colocado como um “objeto que aproxima às pessoas que acreditam no seu Deus”. Uma Bíblia veio trazer um significado similar para uma estudante evangélica, que ressaltou a importância de alimentar uma conexão espiritual na procura da saúde e do bem-estar. Dois galhos de plantas não identificadas foram trazidos e foi feita uma alusão ao tratamento espiritual das doenças que efetuam as rezadeiras, “tirando a fraqueza do corpo”. Nesse ponto, a memória sobre avós e outras mulheres que foram e são rezadeiras inundou as conversas, em um tom “místico, que transcende a explicação científica”, como comentou uma aluna. Finalmente, ficamos surpresas com dois elementos: um fone de ouvido trazido por um estudante, justificado por este que o mesmo favorecia “o fluxo de comunicações entre setores” e um cartão bancário, que trouxe à tona uma narrativa sobre o recebimento de uma bolsa de estudos. Consideramos que a escolha desses dois elementos foi impecável para o tema analisado.

Em último lugar, o coletivo que discutiu sobre as implicações de seus objetos dentro do Subsistema Popular trouxe uma enorme diversidade de texturas, formas, cores e aplicações possíveis. De fato, à primeira vista, a caixa relativa ao subsistema popular apareceu como a mais colorida e multiforme, cheia de “heranças afetivas”, como as qualificou uma aluna. De forma similar ao que aconteceu com o Subsistema *Folk*, identificamos que parte das experiências trazidas resgatou a memória de eventos marcantes na infância com referência afetiva a familiares, sobretudo avós e pais, na transmissão de alguma prática terapêutica, em especial, o uso de plantas medicinais em forma de chás. Chá verde, camomila, cana do brejo, boldo, limão e alho, assim como de uma planta chamada “cura ressaca” reforçaram essas memórias, enquanto que um lambedor de hortelã e umas folhas de eucalipto para nebulização demonstraram outros usos das plantas medicinais em contextos populares. Os/as estudantes referiram à proximidade desses elementos a respeito da natureza, e que chegavam em suas mãos através das feiras livres e de seus próprios quintais. Um dos elementos trouxe um tom humorístico e evocativo à roda: uma galinha de cerâmica representando o caldo de galinha que, segundo uma aluna, sua avó usava como medicamento contra ataques de epilepsia. Um gel de arnica que “cura todas as dores” e sal grosso e pimenta para banhos contra o “mau olhado” e “olho gordo”, respectivamente, vieram adicionar temperos e sabores naquela discussão. Finalmente, o soro de reidratação oral foi trazido como testemunha viva de uma prática de saúde acessível a pessoas com baixa renda, enquanto que o bicarbonato de sódio apareceu como remédio que “sara tudo” e cuja versatilidade de uso o indica resolver dores de garganta, manchas na pele e para o clareamento dos dentes.

Na discussão dos três grupos emergiram percepções divergentes sobre tal ou qual objeto dentro do sistema terapêutico escolhido, coisa que levantou uma discussão acalorada sobre o pertencimento de determinados objetos a tal ou qual universo terapêutico. Por exemplo, a folha de hortelã grossa podia ser usada em lambedores do subsistema popular assim como dentro do *Folk* através de sua ativação no candomblé, onde essa planta é conhecida como tapete de oxalá e referida como erva da paz. Aqui foi trazida pelas docentes o múltiplo simbolismo e possibilidades práticas de uso dos diferentes objetos, que só podem ser compreendidos em referência com o contexto terapêutico dentro do qual estejam inseridos.

No que diz respeito à relação hierárquica e de poder existente entre os três subsistemas, a biomedicina apareceu como um saber com uma grande autoridade cognitiva que permeia uma grande parte do universo de saúde-doença do grupo de estudantes – enquanto que sujeitos e enquanto que estudantes da área das ciências da saúde. Porém, o sistema de saúde oficial aparece

como sendo um conjunto de práticas meramente complementares em situações nas quais se recorre às práticas aprendidas na tradição familiar ou relacionadas com diversas espiritualidades, a depender da gravidade da situação e do tipo de crença religiosa (católica, espírita, evangélica). Desta forma, diversidade e desigualdade apareceram como dois conceitos mais amplos em jogo para compreender as dinâmicas de escolhas, trajetões e contextos emergentes.

Conclusões

Os exercícios criaram no grupo a possibilidade de trazer uma série de relatos sobre itinerários terapêuticos diversos colhidos de forma direta, trazidos à tona nas rodas coletivas a partir de relatos carregados de emoção por se tratarem de experiências afetivas, pessoais e familiares, incluindo lembranças de alegria e sofrimentos vivenciados, seja no presente, seja no passado. Consideramos que o desenvolvimento da dinâmica e a participação das pessoas atingiram os objetivos pedagógicos esperados na avaliação, demonstrando que os conceitos de comunicação e complementaridade entre os diversos sistemas terapêuticos fazem sentido na vida das pessoas, mesmo que haja um sistema predominante, o biomédico, reconhecido como oficial e com estatuto científico.

A dinâmica da Caixa de Afecções teve efeito positivo na avaliação formativa das turmas nas quais foi apresentada, sendo a experiência trazida à tona na avaliação de desenvolvimento da disciplina como uma das melhores atividades do semestre, tanto dentro da disciplina quanto ao cursado de todas as disciplinas. Nesse último ponto, podemos afirmar que a avaliação proposta, de índole experiencial, reflexiva e afetiva, pode ser de grande utilidade como recurso didático para a aprendizagem significativa de conteúdos relativos à relação entre escolhas terapêuticas dos sujeitos e os diversos sistemas de saúde nas aulas de Saúde Coletiva, Antropologia da Saúde e áreas afins.

Referências

Caixa de Afecções. Direção de Flávio Carnielli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oTKR3FB9vTg>. Acesso em 02 de Setembro de 2017.

EPS EM MOVIMENTO. Caixa de Afecções. 2014. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-experimentacoes/caixa-de-afeccoes>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2016.

KLEINMAN, Arthur. Patients and healers in the context of culture. California: University of California Press, 1981.